



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de balanço do primeiro ano e anúncio dos novos Territórios da Cidadania em 2009

Salvador-BA, 23 de março de 2009

Sabe que o Maurício era um grande jornalista, ou melhor, é um grande jornalista e foi mandado embora do emprego, possivelmente por ser de oposição. E ele trabalhava numa televisão importante em El Salvador, e depois foi candidato. E é aquela pessoa que a gente conhece a primeira vez e a gente fala: “Vai dar certo”. E, ademais, nós não poderíamos fazer mais por ele do que fizemos, porque cedemos uma companheira “brasileña” para casar com ele. Entences, ele está...

Mas, meu companheiro Maurício. Eu disse ao Maurício na semana passada, em São Paulo, que não é possível a gente pegar um pacote de políticas prontas e dizer: “Maurício, isso aqui deu certo no Brasil, aplica em El Salvador”. Seria um erro absurdo, porque nós temos que levar em conta a cultura política do povo, todo o aprendizado cultural das populações. O que nós podemos dizer é ao companheiro Maurício: “Maurício, tudo aquilo que nós fizemos, que deu certo neste país, se você quiser que gente sua venha ao Brasil, o meu governo está à sua disposição para mostrar todas as experiências bem-sucedidas e, também, as não bem-sucedidas, para que você possa adaptá-las, melhorá-las, modificá-las e fazer as coisas darem certo”.

Eu pedi para o Maurício vir hoje ver esse encontro do Territórios da Cidadania, onde estaríamos lançando mais Receita Território, porque quando o Guilherme Cassel me apresentou... porque, na verdade, é uma obra do PAC, viu, (incompreensível)? É uma obra do PAC, porque depois que nós fizemos o PAC, aí veio o PAC de Ciência e Tecnologia, veio o PAC da Embrapa, veio o PAC do Ministério dele, veio o PAC da Pesca, veio o PAC... Aí todo mundo



inventou um monte de PAC. Eu caí na bobagem de falar que a Dilma era “mãe do PAC” e aí ela teve que ter um monte de filhos aí, um monte de “paquinhos”, porque todo mundo queria fazer um PAC novo, alguma coisa, porque tinham consciência de que era um bom projeto.

E quando o Guilherme fez uma reunião e apresentou a proposta do Territórios da Cidadania, eu já disse para a imprensa, eu disse para a Dilma, eu disse para alguns ministros e para alguns governadores que o Territórios da Cidadania, nesses meus mais de 30 anos de militância política, fazendo todas as pautas de reivindicações que um ser humano já pôde fazer, fazendo todos os programas de governo que alguém pode fazer, porque perdi muitas eleições, então era programa de governo a cada quatro anos, eu nunca vi nada mais perfeito do que o Territórios da Cidadania.

E não disse isso ao Guilherme, com medo de ele ficar convencido. Mas eu tinha clareza de que a força do Territórios da Cidadania era a inclusão da participação da sociedade no controle do programa e no gerenciamento do programa.

Porque... Eu até esqueci a nominata porque todo mundo falou o nome de todo mundo, e ninguém é candidato a vereador aqui, então não preciso ficar citando o nome de todo mundo. Apenas agradecer às pessoas, aos deputados e senadores, aos prefeitos, secretários que ajudaram. Porque é bobagem a gente imaginar que faz as coisas sozinhos. Quando a gente está bem: “Ah, eu estou bem porque eu sou bom”. Quando a gente está ruim: “Ah, eu estou ruim porque os meus amigos não prestam”. Não, não é assim.

A verdade é que para governar um país você tem que ter equipe. E essa equipe, tal como orquestra, o maestro não tem que saber de tudo, o maestro precisa entender de música e saber reger corretamente a orquestra, contratar as pessoas corretas, para fazer o serviço correto. Eu, se quiser alguém para tocar um pandeiro, não vou chamar alguém para tocar harpa, eu tenho que chamar a pessoa certa. E no segundo mandato, parece que como um toque de



mágica de Deus, todo mundo ficou mais preparado, todo mundo aprendeu com o trabalho dos primeiros quatro anos.

E a aprovação do PAC foi uma coisa que praticamente era como se eu tivesse começado outra vez o primeiro mandato. Porque eu tinha medo de enjoar no segundo mandato. Agora, que eu estava enjoando, Dilma, vem a crise. E eu sou de uma geração, como foi a Petrobras quando foi fundada, de que a crise termina sendo a nossa energia para fazer as mudanças que precisam ser feitas no país, para fazer as inovações que você muitas vezes não faz em tempo de normalidade.

E eu, com essa equipe funcionando, eu vejo que as coisas fluem com muito mais facilidade. Porque uma sociedade, Waldir Pires, ela é composta de gente exageradamente otimista, de gente exageradamente pessimista e de gente como nós, equilibrada, que sabe o tempo de esperar. O otimista exagerado é aquele jovem que muito cedo entra em uma organização de esquerda bastante sectária e ele acha que as coisas vão acontecer na semana que vem, e não acontecem, ele acha que vai acontecer na outra semana, e não acontece, e na outra, não acontece. Daqui a pouco você encontra com ele, ele está em um partido de direita.

É, esse é o otimista, exagerado. E tem o pessimista, o acomodado, que acha que não adianta. Organizar o povo, não adianta. “Vamos fazer tal coisa?” “Não adianta”. Sabe, é aquele cara que sempre acha que não é hora de fazer as coisas. E, por isso, durante tantas décadas, no Brasil, governantes passaram e quando você vai aferir o que aconteceu de novidade, pouquíssima coisa. Porque as pessoas estavam habituadas a governar para 35 milhões de brasileiros, para quem pode viajar de avião, para quem pode entrar em uma universidade, para quem está organizado no sindicato, mas, e a maioria do povo, que não está organizado em sindicato? E a maioria do povo que, muitas vezes, está apenas na expectativa de que alguém estenda a mão, faça um gesto, lhe dê uma oportunidade, para ele poder provar que não é inferior a



ninguém, que o que falta é o governo entender que se governarmos para todos, as pessoas vão ter muito mais chances, as pessoas vão crescer e as pessoas vão ser muito mais felizes.

Eu estou em um momento em que - embora alguns adversários meus estejam torcendo para que a crise venha mais profundamente, para poderem eles encontrarem um discurso para disputar as eleições em 2010, ou alguns pensando: “Bom, agora vai dar tudo errado. Sabe, agora, acabou”- eu estou com a consciência tranquila de quem plantou na hora certa, adubou na hora certa e agora não tem jeito: a colheita virá, chova ou não chova.

As obras já estão contratadas, as licitações já foram feitas, os trabalhadores já estão trabalhando em muitas obras. Certamente o prefeito da capital e o governador do estado nunca viram, em nenhum outro momento da história, Salvador e o estado terem tantos convênios com o governo federal, de repasse de dinheiro garantido e não promessa. Mas não vale para Salvador, e apenas para o estado da Bahia. Perguntem para qualquer governador deste país, mesmo aqueles dos partidos adversários do governo. Perguntem para a governadora do Rio Grande do Sul, para o governador de Santa Catarina, de São Paulo, onde vocês quiserem perguntar, para saber se em algum momento, Marcelo Déda e companheiro Marcelo Miranda, se já chegou alguma vez, mesmo quando era todo mundo do DEM, que naquele tempo era PFL, mesmo quando era todo mundo, nunca houve nenhum Presidente da República – e falo isso com orgulho – que tratasse governadores e prefeitos, com o gesto republicano com que eu trato esses administradores e prefeitos.

E quando eu digo que nós vamos colher é porque as coisas estão plantadas. Ou seja, o cidadão que não plantou, não adianta ficar mostrando para a imprensa que ele plantou um caroço de feijão, que vai dar um pé de feijão. Ele pode mentir um mês, pode mentir dois meses, três meses, mas em 90 dias tem que dar o feijão. Se ele plantou, aparece. Se ele não plantou, mentiu. E nós plantamos, nós adubamos e nós vamos colher. Já estamos



colhendo, já estamos colhendo muita coisa neste país. Nós estamos colhendo, todos, companheiros deputados, que neste país, durante anos, a coisa mais importante nas manchetes brasileiras eram as filas do INSS. Hoje, uma mulher recebe o auxílio-natalidade em 15 minutos, um aposentado se aposenta em apenas meia hora. E a partir de junho, ele vai ser chamado em casa, e vai ser dito para ele: “Companheiro, você atingiu seu tempo de aposentadoria, o seu salário é tanto. Se você quiser se aposentar, procure a agência do INSS da sua cidade”.

Vocês estão lembrados de um discurso – se alguém puder trazer meus óculos – em que eu disse assim, em janeiro de 2003: primeiro, nós vamos fazer o necessário, depois, a gente vai fazer o possível, e quando a gente menos imaginar, nós estaremos fazendo aquilo que parecia impossível.

Eu vou pegar dois exemplos para vocês. Em novembro de 2007 eu fiz uma reunião com a Comissão Nacional de Política Energética brasileira. Nós tínhamos tido um atrito com a Bolívia... Nós, não, o companheiro Evo teve um atrito comigo. Eu, como jamais imaginei um metalúrgico brigar com um índio da Bolívia, eu falei: “O companheiro tem direito de falar, tem direito de nacionalizar o seu gás, porque é dele e cabe ao Brasil ter bom senso de pagar o preço justo para que o povo boliviano possa viver com dignidade”. Aqui no Brasil tinha gente que achava que eu tinha que sair agredindo o Evo. Eu nem o Bush agredi, porque iria agredir o Evo? Eu sou filho de uma mulher analfabeta, mas que ensinou a família dela a respeitar, se a gente quisesse ser respeitado. Então, é assim que eu lido com os meus companheiros.

E nós fizemos uma reunião da Comissão de Política Energética para discutir a questão do gás. Vai que falta gás... Porque no governo passado teve um apagão em 2001, e a turma do apagão, Cezar Borges, passou os quatro anos do meu primeiro mandato dizendo que ia ter apagão. Parecia uma indústria do apagão: “Vai ter apagão, vai ter apagão, vai ter apagão”. E eu falava: “Pelo amor de Deus! Eu acho que essa gente está ganhando dinheiro



para aumentar o preço da energia, porque não é possível, nada garante que vai ter apagão”. Mas como eles diziam... E o Evo Morales brigou comigo por causa do gás. Eu falei: “Nós vamos ter que ser independentes nesse negócio de gás. Eu quero continuar comprando quanto gás a Bolívia tenha para vender, pagando o preço justo que eles entendam que vale o preço do gás, mas também o preço justo para nós, brasileiros, mas eu quero ser independente”. E decidimos criar um programa chamado Plangás. E decidimos que a gente deveria fazer as coisas que tinham que ser feitas no Brasil.

Pois bem meus companheiros, esta semana eu fui inaugurar o terminal de regaseificação de gás natural na Baía da Guanabara. Já tinha ido inaugurar o do porto de Pecém, no estado do Ceará. Em apenas um ano, nós construímos uma ilha na Baía da Guanabara, encostam dois navios, um navio alugado pela Petrobras por dez anos, (incompreensível), veio um navio de Trinidad e Tobago, esse veio de Trinidad e Tobago, mas pode vir da Nigéria, pode vir da Argélia, pode vir de onde tiver gás, com 14 milhões e meio de metros cúbicos. Esse gás congelado a 160 graus abaixo de zero. Nós transportamos esse gás líquido para o outro navio e depois colocamos a tubulação, tornamos ele gás outra vez e mandamos para os gasodutos brasileiros. Em apenas um ano, meu companheiro Ignacy Sachs, em apenas um ano essa profecia que muita gente não acreditava que era possível. E hoje, pasmem, o Brasil tem gás sobrando e vai ter que reinjetá-lo nos poços da Petrobras para tirar petróleo, porque não tem mercado consumidor para a quantidade de gás que nós temos hoje.

Parece uma coisa inacreditável. Prometia-se um gasoduto Coari-Manaus há quanto tempo? Todo governo do estado do Amazonas prometia um gasoduto, prometia um gasoduto. Eu nunca prometi, e fizemos, já está em Manaus o gás. As pessoas falam: “É sorte”. É sorte, não, a Petrobras está investindo em pesquisa e prospecção cinco vezes mais do que investia quando eu cheguei no governo. Cinco vezes mais! Se a gente investia 500 milhões,



estamos investindo 2 bilhões e meio. Por isso é que a gente achou o pré-sal. Por isso é que a gente está achando gás. E vamos achar mais coisas, porque embora eu não seja intelectual, eu estou convencido de que sem investimento em pesquisa a gente não consegue dar o passo que nós precisamos dar, neste país.

Pois bem, por que nós vamos colher? Eu vou dar um exemplo aqui, companheiro Jaques Wagner, porque nós estamos colhendo as coisas e porque está plantado. Muitas vezes eu vejo dizerem: “Ah, o Territórios da Cidadania não vai dar certo, o Bolsa Família não vai dar certo, o Pronaf não vai dar certo, o Mais Alimento não vai dar certo, as escolas técnicas não vão dar certo, as universidades não vão dar certo”. Está dando tudo certo.

E aí (incompreensível)... inexorável. Eu vou dar uma coisa para vocês: 52% dos beneficiários do Bolsa Família são do Nordeste, 44% do orçamento do MDS (Ministério do Desenvolvimento Social) é do Nordeste. Das 29.300 equipes do Programa Saúde da Família, 12 mil estão no Nordeste, representando 60% de cobertura, a maior do país. Dos municípios prioritários do Plano de Desenvolvimento da Educação, 66% estão no Nordeste. Deles, 3,8 milhões de pessoas no Nordeste já foram beneficiadas com o programa Luz para Todos. O Plano Safra da Agricultura Familiar 2007-2008 colocou 31% dos recursos para o Nordeste, 4 bilhões dos 13 bilhões. Vinte e nove dos 60 Territórios da Cidadania implantados em 2008 estão no Nordeste, contemplando 499 municípios. Vinte e sete dos 69 Territórios da Cidadania a serem implantados em 2009-2010, estão no Nordeste, completando mais 425 municípios. O estado da Bahia tem R\$ 45 bilhões de investimento até 2012, por conta do PAC. O estado de Pernambuco tem 53 bilhões, até 2012. O estado do Ceará tem outra quantidade, o do Piauí tem outra quantidade.

O Banco do Nordeste que, em janeiro de 2003, ao fazer o balanço de 2002, só tinha conseguido emprestar R\$ 252 milhões em um ano, no ano passado emprestou R\$ 300 bilhões. O Pronaf, quando nós entramos no



governo, que o governo anunciava, o Pronaf era uma coisa apenas do Sul do País, não era no Nordeste.

Então, quando eu digo que as coisas vão brotar porque nós plantamos e porque nós irrigamos, e por mais que alguém queira dizer que não vai acontecer, vai acontecer. Vai acontecer porque as coisas foram feitas na hora e na medida certa.

E o Territórios da Cidadania vai ainda passar dois, três, quatro anos, vai ter um tempo em que ele vai se aperfeiçoando cada vez mais. E nós queremos fazer de tal organização que quem quer que seja que ganhe a Presidência da República – e eu espero que seja quem eu estou pensando que será – quem quer que seja, não terá coragem de mudar. Essa é a grandeza do envolvimento da sociedade na produção e na execução das políticas sociais: é você enraizar a sociedade para participar, que ninguém vai conseguir tirar.

Meu caro Ignacy Sachs, sabe quantas conferências nacionais nós fizemos? Mais de 53 conferências nacionais, conferências do que você possa imaginar. É uma verdadeira assembléia popular reunida permanente. Quem é sindicalista aqui sabe o que é assembléia permanente. Já fiz 53, para mandar o povo se preparar, porque é lógico que ainda falta fazer muito. E falta fazer muito porque nós herdamos cinco séculos de descaso com os pobres.

No tempo moderno, nessa contemporaneidade, nós herdamos, no mínimo duas gerações que foram vítimas do arrocho salarial, do desemprego. Jovens de 20 anos que hoje estão presos porque viraram delinquentes, e os que foram responsáveis por eles serem delinquentes estão soltos. Esse é o desafio que nós enfrentamos, ou seja, nós, muitas vezes, punimos as vítimas quando deveríamos punir os responsáveis por existirem aquelas vítimas.

Meu caro Waldir Pires, vocês que, talvez, dentre todos nós aqui, talvez você e o João Durval sejam os mais experientes, não os mais idosos, vocês sabem o seguinte: por que eu acho que as coisas vão acontecer? Eu vou dar o número, professor. Em 100 anos, de 1909 até 2003, todos os presidentes que



passaram pelo Brasil construíram 140 escolas técnicas, em 100 anos. Só este ano, professor, nós vamos inaugurar 100. Em oito anos, nós vamos fazer, em oito anos, uma vez e meia a mais do que foi feito em um século. Universidades, nós estamos fazendo 14, mas extensões universitárias para o interior do País são 95. Isso fará dar resultado. Não tem... Podem criticar à vontade, os resultados aparecem, porque elas estão prontas.

Só o ProUni colocou mais 500 mil jovens na universidade, e este ano se formaram os primeiros 56 mil formandos do ProUni, dos quais 40% negros e negras, da periferia, de escola pública. O Reuni conseguiu, em apenas um ano, mais do que dobrar as vagas nas universidades federais que a gente oferecia, que eram 113 mil, esse ano já foram 227 mil vagas.

Então, as coisas vão aparecer. No dia 1º de maio nós vamos tirar o primeiro barril de petróleo do pré-sal. Ainda não sabemos o milagre lá embaixo. Eu estou muito preocupado porque, nessa profundidade, daqui a pouco tem um japonêsinho pegando de lá para cá e, daqui a pouco, nós vamos encontrar. Aí vai ser uma guerra subterrânea, uma guerra a 8 mil metros de profundidade. Só espero que seja de um paíinho pequeno, que não seja a China, porque aí estamos perdidos.

Então hoje, para mim, é um dia prazeroso. Essa semana, eu participei do Conselho Nacional de Política de Ciência e Tecnologia. Quem é professor aqui sabe, quem já participou do SBPC sabe, que não é possível concordância com o governo pelos cientistas, os cientistas são muito críticos. Pasmem, eu achei que não era comigo, achei que não era com o Sérgio, numa reunião do Conselho, todos os quatro relatórios elogiando a política de ciência e tecnologia do governo que, pela primeira vez, não é política de um ministro, mas é política do Estado brasileiro, para perpassar quantos governos vierem, e estamos atingindo a meta, a cada ano que passa. Eu não acreditava mesmo. Estava até o Presidente do SBPC. Quando ele falou “Ministro Sérgio Rezende”, falou bem do governo, eu falei: espera aí, estou no lugar errado.



Por que nós estamos fazendo isso? Possivelmente essas coisas estejam acontecendo... Vocês estão lembrados que um dia perguntaram para mim o que eu era e eu falei: “eu sou uma metamorfose ambulante”, uma música do Raul Seixas que eu gosto muito. Porque tem gente que ao chegar ao governo, tem mania de saber tudo. Então, tem gente que acha que está tudo pronto, que está tudo escrito, que não tem que aprender mais nada. E eu fico aprendendo a cada dia. Por que eu tenho as orelhas caídas assim? É para ouvir melhor, é para escutar mais as pessoas. Tem gente que não gosta de reclamação, eu adoro reclamação.

E por falar em reclamação, Rolf, eu fui esses dias a Porto Velho entregar 2.400 títulos, em um bairro pobre de Porto Velho, e lá eu fiquei sabendo que o Incra, tem 40 mil pessoas que moram em terras do Incra. E eu falei: “mas não é possível, por que o Incra tem que ter terra na cidade de Porto Velho?”. Então, meu filho, a Alexandra estava lá, eu falei: “Alexandra, pode voltar para Brasília, pega o Rolf e venha para cá que eu quero voltar ainda este ano para entregar os títulos para 40 mil pessoas que moram naquelas casas, porque não tem explicação”. Eu sei que é uma coisa do passado, mas como você é do presente, e se Deus quiser também será do futuro, por favor, faça, enquanto é tempo, essas coisas.

Resolvemos legalizar as terras da Amazônia. Não é possível que a Amazônia seja um território de ninguém! Vamos legalizar. Está montada a equipe, Guilherme? Legalizar, dar o títulos para quem tiver terras, para quem tiver um sítio lá. Aqueles coitadinhos, legalizar, a gente saber quem é o dono. Quem é pobre sabe o que significa um pedacinho de papel chamado escritura. Quem é pobre sabe, aquilo é quase que uma conquista da cidadania, é quase como aquela tabela dos dez mandamentos que Moisés mostrou. Então, nós temos que fazer isso, porque é o nosso compromisso com essa gente mais humilde do País. Se nós não fizermos, quem vai fazer?

Então, meus companheiros e companheiras, hoje é um dia... Eu tenho



vivido bons dias. Eu sofro muito quando as pessoas ficam desempregadas, porque eu sei o que é isso, eu já fiquei um ano e meio desempregado. Eu sofro muito quando eu vejo enchente nas casas das pessoas, porque eu já vivi um metro e meio de água dentro da minha casa.

Mas, ao mesmo tempo eu estou feliz porque eu percebo que é possível ir além, é possível ir além das coisas que já fizemos. E agora nós estamos mais maduros, a Dilma está mais calejada, o Patrus está mais calejado, está todo mundo mais preparado. Por que a gente não pode fazer mais? Ah, porque veio a crise. Eu disse hoje em Pernambuco: se eu tivesse medo de crise, eu não teria nascido, porque nordestino se não morrer até 5 anos de idade, ele pode ser alguma coisa, porque a tendência é ele morrer de fome. Eu, até 7 anos de idade, Wagner, o café que eu tomava era uma cuia. Sabe o que é uma cuia? Metade de um coco partido no meio. Cheia de farinha de mandioca com café preto. E olha que bichão bonito que saiu aqui... Virou até Presidente da República! Para desgrça de alguns, porque tem gente que me olha e fala: "Ele não pode ser Presidente..." Mas como eu não dependo deles, eu dependo de vocês, cá estou eu Presidente da República.

Meus companheiros e companheiras,

Eu só poderia dizer para vocês o seguinte: eu acho que eu nasci para viver em adversidades. Primeiro, eu virei conrinthiano, que passou (incompreensível), é uma desgrça. Vocês sabem o que é ficar 20 anos sem ganhar de um time, e 23 anos sem ganhar um título? Toda a bronca que vocês tiveram, de 23 anos de regime militar, eu tive do Campeonato Paulista, do Corinthians não ganhar nada.

Mas eu sou um cara que sou desafiado a isso. Essa crise, por exemplo, Ignacy, não é que eu esteja gostando, mas eu acho que ela veio no momento de testar os líderes, porque eu fui convidado para ir ao G-8, me dou bem com todo mundo, não entendo nada, parece uma Torre de Babel, cada um fala uma coisa. Mas eu acho que em política a gente entende um pouco com o coração,



nos olhos das pessoas e com (incompreensível) do outro lado, a gente termina entendendo tudo.

Mas eu sinto o seguinte: agora, nessa crise, eu fico olhando os presidentes, eu fico pensando quantos presidentes desses, que vão estar na mesa do G-8, conhecem profundamente a alma do seu povo. Quantos têm compromisso com os mais pobres? Eu fico pensando na contribuição que a gente pode dar.

Quando esse moço se elegeu, eu estava em Nova Iorque, aí eu falei para o Obama, antes de ele se eleger, eu disse para o Obama no sábado e a eleição era domingo, apostei no seu taco antes de você ganhar. Eu falei: “Obama, você precisa tratar com carinho a América Central, porque tem muitos países que dependem da política americana. E você pode ter uma política de parceria sem ingerência, sem intromissão. E vai ganhar, em El Salvador, um companheiro que eu conheço e sei que é de qualidade. É da oposição, mas é um companheiro extraordinário”. Na segunda-feira, ele ligou para o Maurício.

Eu vejo, a eleição de um Evo Morales, para mim, vocês não imaginam o significado. O que não era correto era um cidadão que não conseguia falar uma palavra em espanhol ser Presidente da Bolívia. O normal é um índio ser Presidente da Bolívia, um índio, com a cara da maioria do povo.

E nós estamos vendo acontecer na América Latina: Michelle Bachelet, Cristina Kirchner, Tabaré, Lugo, o Evo, o Lula, e vai passando, e vai passando, e vai passando, já chegou na América Central, chegou nos Estados Unidos. Porque a eleição de um negro nos Estados Unidos não era pensada de forma positiva há dois anos. Se fizesse uma pesquisa com os intelectuais americanos, eu duvido que alguém apostasse que fosse um negro eleito Presidente dos Estados Unidos. Está lá o companheiro Obama. É o primeiro Presidente americano com a cara da gente. Olhem bem para a cara dele. Edson, um pouquinho menos moreno que você. Mas é a nossa cara. É a possibilidade de a gente ter, pela primeira vez na história, uma política de



colaboração, sem ingerência, respeitando a autodeterminação, é concreta e real.

Então, nós vamos lá para o G-20. Obama apenas há 40 dias na Presidência. É o mais jovem. Você não foi convidado, você nem tomou posse ainda. Então, nós vamos sentar naquela mesa lá, o Presidente do país mais importante do mundo, com apenas 40 dias de governo. E vão estar lá eu, a Cristina Kirchner, o Zapatero, o Primeiro-Ministro da Austrália, fazendo as propostas que nós achamos que têm que ser feitas. Não sabemos se vão aprovar. Uma novidade extraordinária, o Obama disse assim; “Presidente Lula, por que o seu Ministro da Fazenda não se reúne com o meu Ministro da Fazenda para a gente chegar juntos a uma proposta?”. Já é um passo... Não sei nem se vão conseguir chegar a um acordo, mas há uma idéia de trabalhar juntos. Não existia isso na política internacional.

Então, eu penso, companheiros, que essa crise, ela vai nos trazer alguns prejuízos no setor de exportação, nós vamos compensar isso com políticas habitacionais, com outras políticas que vamos tomar na economia, para a indústria automobilística. Vai acontecer muita coisa ainda neste país. A única coisa que não vai acontecer é a oposição pensar que vai, em algum momento, encontrar um discurso para poder bater no governo. É a única coisa que [não] vai acontecer. Eles vão falar de juros, e eu ainda não esqueci que quando eu cheguei no governo os juros deles eram muito mais altos do que está hoje. Nós vamos chegar na eleição com os juros bem internacionais.

E eu acho que parte dessa crise a gente vai tentar enfrentar com políticas com políticas como esta, do Territórios da Cidadania. Você sabe quantos tratores já foram encomendados no Programa Mais Alimentos? Onze mil tratores. Sabe por quem? Por pequenos proprietários agrícolas. Por que eles não compravam antes? Porque não tinham oportunidade, não tinham política de financiamento.

Então, companheiro Guilherme, eu quero terminar dizendo para você...



Eu sei que é difícil um Presidente elogiar um Ministro, a sua equipe, porque os bichos vão ficando vaidosos e daqui a pouco vão querendo dar passos mais altos que o Presidente, nem chamam mais o Presidente de Excelência, já estão chamando de “companheiro”. Vocês são folgados. Você vai dando trela, eles, daqui a pouco estão me chamando só de Lula, daqui a pouco “baiano”.

Mas eu queria dar os parabéns, não pela elaboração do Territórios da Cidadania. Eu sei que ainda precisa aperfeiçoar a relação com os governadores, é preciso melhorar com os prefeitos, porque é uma coisa de todos. Mas eu queria, sobretudo, dar os parabéns ao povo de cada cidade, que está nas suas casas, que eu não tenho o nome, que eu não nunca vi fotografia, que não está disputando nada, mas que está lá, fazendo aquilo que ele acredita seja possível para ser melhor para a sua mulher e para os seus filhos e, conseqüentemente, melhor para o nosso País.

A vocês, que no anonimato fazem acontecer o Territórios da Cidadania, que Deus os abençoe. Porque eu sou agradecido a Deus, todos os dias, por esse povo extraordinário que acredita cada vez mais em si próprio, e cada vez [mais] no Brasil.

Um abraço, meus companheiros, e boa sorte.

(\$211A)